



Entre o perigo, o encanto e a morte: relações de crianças e máquinas agrícolas

Between danger, enchantment and death: relationships between children and agricultural machines

TRIVILIN, Maria Isabel

¹ Museu Nacional/UFRJ, beltrivilin@hotmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Resumo: Este trabalho parte do encanto que as máquinas agrícolas produzem nas crianças que vivem no campo e busca refletir sobre a produção dessa técnica de encanto e os riscos, perigos e consequências de se naturalizar a convivência com tais objetos. Para isso, busquei seguir a trajetória das máquinas, sua vida social e seus significados, a partir da perspectiva de Appadurai. O material foi coletado em diferentes regiões produtoras de soja no Paraná, com atenção especial à presença das crianças nesses espaços. O trabalho é construído por meio de uma escuta atenta às crianças, seus momentos de brincadeira, saberes e suas relações com o mundo rural. Prova de que a Agroecologia começa nas infâncias é que o contrário também é verdade: foi possível perceber como a relação com os agrotóxicos e o fascínio pelas máquinas são construídos e ensinados desde muito cedo, como parte de uma formação voltada especialmente aos meninos, que são logo estimulados ao esperado ofício futuro.

Palavras-chave: máquinas agrícolas; acidentes; brincadeiras; crianças; agronegócio.

Introdução e Metodologia

O interesse pelas máquinas agrícolas surgiu após observar o fascínio de Chico, meu primo de três anos, diante de uma máquina agrícola que passava na estrada. No período, eu trabalhava na escrita do texto final de uma disciplina sobre o encanto das coisas e as técnicas de encanto. Era um sábado à tarde e brincávamos na varanda da casa dos meus avós. Ele pegava os caroços da Jussara e atirava longe, quando, de repente, gritou: “um uniporte!” Quando vi, ele passava, imperioso. A criança, que dificilmente sossegava, tinha, em um minuto, parado e o seguia com os olhos vidrados. Antes que a máquina desaparecesse na estrada, ele explicou, como quem se dá conta de um equívoco: “ah não, é uma colhedeira verdinha”. Se eu procurava por um objeto de encanto, não restaram dúvidas. Os olhos de Chico me mostraram ele.

Mas o fascínio que eu pude ver e ouvir em seu tom de voz, no corpo parado e olhos admirados era um tanto perturbador. Eu poderia discorrer sobre a vida social das máquinas e como, além de sua utilidade no trabalho, ela pode ser também veículo de status, poder e distinção social, mas o tema da morte parecia inevitável. A máquina que provocou o encantamento em Chico e que está, em miniatura, nas



brincadeiras cotidianas da maioria dos meninos da comunidade, é a mesma que levou Bia, uma outra prima, seis anos antes.

Era um fim de ano de 2016. Naquela manhã, os tios e primos limpavam o trator. Sua mãe, cuidadora de um aviário de frango de corte, ajudava, enquanto ela andava de bicicleta pelo terreiro. Acabado o trabalho, a mãe pediu para que o marido desligasse o botão da máquina e ela, que estava próxima ao local, correu em sua frente e o apertou, como quem já está acostumada. O eixo cardã deveria parar de girar, eles guardariam a máquina e partiriam para o almoço, mas algo aconteceu antes. Bia se agachou rumo ao botão e foi pega por trás. Os cabelos claros e compridos foram engolidos pela máquina, que antes limpa, agora registrava as marcas de um corpo ferido.

Entre a consciência e o delírio, a sinfonia da tragédia daquele dia tinha vindo inteira, espelhada nos olhos de uma criança que não temia, mas desejava. Ela lembrava a linha tênue e perigosa entre o encanto e a morte, que a partida de Bia não parece ter sido suficiente para ensinar. Na intenção de refletir sobre a produção dessa técnica de encanto e com a impressão de que estava diante de um encantamento traiçoeiro, que faz os olhos de crianças e adultos brilharem, sem que percebam os riscos, perigos e consequências de se naturalizar a convivência com objetos que foram baseados em armas bélicas, decidi seguir as máquinas agrícolas. Parto da perspectiva de Appadurai (2008, p. 17), de que as mercadorias, assim como as pessoas, são possuidoras de uma vida social e seus significados estão inscritos em suas formas, trajetórias e usos. Como a análise das trajetórias das coisas possibilita interpretar as transações e os cálculos humanos que concedem vida a elas, o autor propõe seguir as coisas em si mesmas, a fim de elucidar questões sobre a sua circulação no mundo concreto e histórico. (Appadurai, 2008)

Utilizo como material empírico observações e conversas na comunidade rural São João, na região Centro-Ocidental Paranaense, que é também a minha comunidade de origem. Além de informações coletadas num trabalho de campo realizado no início de 2023, como parte de um estudo de caso sobre a sustentabilidade na cadeia da soja no Paraná, nas regiões Oeste e Sudoeste do estado, com visitas a produtores orgânicos e outros atores associados a práticas sustentáveis da cadeia, incluindo conversas com crianças. Envolveu ainda a participação no Show Rural Coopavel, uma das maiores feiras do agronegócio da América Latina, com observação, entrevistas e visitas a estandes de revendedoras de máquinas agrícolas.

O trabalho não faz referência a práticas agroecológicas, mas ajuda a perceber a sua importância. Ele é fruto de uma pesquisa construída a partir de uma escuta atenta e uma parceria sensível com as crianças, seus momentos de brincadeira, seus saberes, exibições e relações com o mundo rural. Prova de que a Agroecologia começa nas infâncias é que o contrário também é verdade: pude perceber como a relação com os agrotóxicos e o fascínio pelas máquinas são construídos e ensinados desde muito cedo, permitindo que as crianças criem e recriem mundos, histórias e fantasias com tratores e passadores de veneno como brinquedo.



Resultados e Discussão

A máquina a que se Chico se referia, antes de perceber que se tratava de uma colheitadeira da mesma cor, é um tipo de pulverizador automotriz, utilizado nas monoculturas de grãos para pulverizar produtos químicos, biológicos e fertilizantes. Uniport é o nome da máquina de uma linha da Jacto, que se tornou, na região, uma forma de se referir genericamente aos pulverizadores. Por máquinas agrícolas entende-se tratores, plantadeiras, semeadoras, colheitadeiras, pulverizadores, distribuidores, além dos implementos, plataformas, máquinas de preparo do solo e de feno e forragem.

As cores das máquinas fazem referência às suas marcas e, embora a maioria tenha como nomenclatura os modelos e seus códigos, as da Stara têm nomes próprios: há Victória, Princesa, Absoluta, Cinderela, as Guapas e as Guapitas; além de Hércules, Tornado, Bruttus, Fênix e Imperadores. Há máquinas de vários tamanhos, ainda que a maioria das opções seja voltada aos grandes produtores. Elas variam conforme a área do produtor, a geografia do solo e o seu poder econômico. Os preços são milionários. Durante o Show Rural, estivemos no lançamento de um trator preto que era uma verdadeira máquina de luxo, parte de uma edição limitada, com apenas 500 unidades fabricadas e vendidas por 2,5 milhões cada, fora os equipamentos que somavam mais alguns milhões. Seu preço tinha menor a ver com seus atributos ou potência diferenciada e mais como um item de distinção (Bourdieu, 2007), utilizado para demonstrar status e poder de compra. Ao conversar com um funcionário da concessionária, ele explicava como “às vezes o cara não compra a máquina porque precisa dela, mas por status”, demonstrando como elas são mais que objetos de uso prático e veículos utilitários de transporte e trabalho, abarcam também desejos, rituais de identificação, de prestígio, revelam uma posição na hierarquia social, uma forma de distinção e são capazes de produzir encantamento.

Um encantamento que dos adultos é direcionado para as crianças. Embora seja criado nelas um desejo e incutida uma educação para que sejam futuros agricultores de uma agricultura que não existe sem máquina e veneno, a roça é transformada em um lugar cada vez mais perigoso. Enquanto visitávamos os produtores de soja foram aparecendo histórias de acidentes com as máquinas: uma mulher vítima de um capotamento com um trator na véspera de ano novo; um homem que teve o corpo engolido por uma ensiladeira, enquanto trabalhava com o filho na silagem de milho. Corroborando com o medo que uma produtora demonstrava em relação ao filho adolescente, responsável pela operação da máquina, estão documentadas dezenas de notícias sobre corpos “engolidos” e trabalhadores mutilados, muitas envolvendo crianças. Em pesquisas sobre acidentes com crianças e adolescentes em propriedades rurais nos EUA (Lubicky, Judy, 2009) e outras no Brasil (Fernandes et. al, 2012; Monteiro, 2010), o trator aparece como a máquina principal dos casos e o eixo cardã, com o entrelaçamento com partes móveis, como roupas, luvas e cabelos, é o mecanismo mais citado, causando quase 30% dos acidentes com tratores. Os dados ajudam a entender como o caso de Bia não foi uma exceção.



As máquinas não são, no entanto, perigosas somente pela dimensão e equipamentos capazes de engolir gente e triturar corpos, mas também pelas substâncias que as animam, sem as quais elas são inúteis: os agrotóxicos e as sementes transgênicas. Ambos são essenciais para compreender a teia de relações de dominação sob a qual os tipos de produção agrícola estão assentados. Embora o foco esteja nas máquinas, os riscos estão relacionados a uma convergência entre veneno, semente e máquina na formação do pacote tecnológico.

Sem muita surpresa, ao passear pelos estandes das grandes empresas de máquinas agrícolas, percebi que Chico não era o único, todas as crianças da feira pareciam estar lá. Os pais fotografavam os filhos em cima das máquinas como se fossem monumentos. Havia ainda, em exposição, linhas de máquinas de brinquedo para as crianças. Parte de um processo de formação e educação, os meninos são logo ensinados e estimulados ao esperado ofício futuro. Como o brinquedo e o brincar são um fator fundamental na criação e recriação de mundos e na produção de histórias e fantasias infantis, é significativo o processo de brincar com pequenos tratores e máquinas de passar veneno, com os quais elas vão criando ideias de futuro e se tornando peritos em máquinas.

Roy Wagner (2010) discorre sobre como os objetos constituem a subjetividade individual e coletiva das pessoas. No caso de instrumentos utilitários, ao aprenderem a usá-los, “eles também ‘usam’ as pessoas, brinquedos ‘brincam’ com as crianças e armas nos estimulam à luta”. Na convivência com esses brinquedos, pelo uso e pelo desejo, introduzimos em nós mesmos os valores, atitudes, sentimentos e a criatividade daqueles que os inventaram, usaram e deram a nós. Por sua capacidade de controle, os instrumentos podem objetificar as suas habilidades e possibilidades. (Wagner, 2010, p. 129) No caso das máquinas, as empresas controladoras desse mercado, ditam o gosto, limitam a mobilidade, demarcam a posição social e incluem os consumidores em um jogo com regras por elas formuladas. (Appadurai, 2008, p. 500) Não só as máquinas de luxo, mas também as pequenas máquinas de brinquedo tornam-se um elemento a mais na difusão, para a economia local e regional, de um modelo hegemônico e para a criação de uma cultura de consenso sobre a importância do agronegócio. As máquinas são um dos grandes destaques do Show Rural – feira promovida pela fração agrária da classe dominante em Cascavel-PR – e sua aquisição, mesmo em miniatura, reforça a demonstração de poder e domínio desta elite, contribuindo para difundir seus valores e impor seu projeto social, desde as infâncias.

Em uma pesquisa sobre as representações nas brincadeiras de crianças do campo em Rondônia, em um exercício de imaginação em que deveriam montar diferentes objetos a partir de encaixes, uma criou uma cobra gigante, a outra um ônibus e uma fez uma máquina de passar veneno (Silva, 2022, p. 14). O caso é bastante revelador. Ao brincarem de faz de conta o fazem a partir de uma reelaboração de situações e experiências já presenciadas e o processo de aprendizado, por meio da brincadeira, ocorre enquanto a criança exercita a imaginação, observa a realidade e cria narrativas, elaborando perguntas e construindo com isso sentidos sobre si, sobre os outros, sobre a natureza, a terra e as diferentes formas de vida. (Silva et



al., 2022, p. 5) A naturalidade com que a criança da pesquisa trata o objeto e a prática de aplicar agrotóxico demonstra como a substância altamente tóxica não só não é vista como prejudicial, como é ensinada como parte do cotidiano da agricultura.

Conversando com o filho de um produtor orgânico durante uma visita à propriedade, algumas questões ficaram em evidência. Enquanto o resto da equipe conversava com o pai e os avós, a criança de nove anos me apresentava seu mundo. Fiquei impressionada em como ele sabia muito sobre o trator e me contava de sua participação constante nos momentos em que o pai operava a máquina. Falou, inclusive, sobre as vezes em que ele mesmo tinha operado: “Sabia que uma vez eu plantei?” “Você dirigindo esse trator?”, eu perguntei, incrédula. “Sim, meu pai pegou e largou eu lá e foi atrás da plantadeira, daí eu fui pegando, ele estava atrás olhando as coisas, ele tava aqui dirigindo e eu lá atrás, daí eu e o pai se troquemos”. “Nossa! E você não tem medo, não?” Ele me respondeu, com a maior tranquilidade: “Não, porque de qualquer forma um dia nós vamos morrer”.

Seguimos pelo pequeno barracão de madeira e ele foi me explicando sobre os objetos que encontrávamos, com um conhecimento impressionante: “esse aqui é o disco da plantadeira, a mola, (...) aí a caixa de ferramentas, aqui é o gaiotão, olha aqui, ele está cheio de milho!” Não demorou muito para aparecerem, na apresentação do perito, pequenos acidentes com a máquina: as muitas vezes em que caiu, escorregou, o dia em que o pai bateu ou o avô se desequilibrou. Em todas, parece natural a presença da criança. No entanto, no tempo em que estivemos juntos, os elementos que vinham da concretude de sua vida cotidiana, com os quais ele se identificava e ia construindo a sua identidade enquanto morador do campo, não eram só sobre as máquinas. A propriedade contava com uma grande variedade de plantas e animais e a criança também parecia saber muito: me falava sobre as árvores de pêssego, as variedades de laranja, o parreiral de uvas, as várias espécies de aves e o porco “chefe de família”. Além das quedas da máquina, me contou também de um outro “grave” acidente que sofreu quando menor: “sabia que uma vez eu subi naquela árvore e ela era cheia de espinhos? Eu era pequeno, eu tava sem camisa e tava ali, na boa, quando o Davi quis fazer gracinha e me empurrou, eu caí de bunda nos espinhos, me furei tudo.” (Gabriel, 2023)

Na sequência, me mostrava as grandes cachopas de abelhas, os marimbondos perigosos que uma vez foram irritados com uma mangueira d’água e as cobras que já tinha visto. As representações mostravam o conhecimento da criança a respeito da vida cotidiana, do trabalho desenvolvido pela família, do modo de vida no campo e de uma natureza (Silva et al., 2022, p. 15) que experimentava ora subindo num pé de manga, ora em cima de uma máquina, plantando a planta que não se come. Entendendo-as como sujeitos ativos no processo de construção social da infância, a escolha por partir do encantamento de Chico e de falas como a de Gabriel é por entender que as brincadeiras revelam muito sobre a sua vida e comunicam sobre a maneira como estão criando as próprias referências e concepções de mundo. É assim também que vão sendo criadas culturas infantis, a partir de expressões que



decorrem da relação com o cotidiano e com os bens culturais com os quais têm contato. É nesse momento também que se podem criar ideias de uma vida compartilhada e uma educação que não permitirá que a criança pense que carne brota do congelador do supermercado. Por isso faz tanta diferença ser socializado entre bichos criados soltos, ter contato com diferentes espécies ou viver em uma área de plantation, com milhares de animais uniformes e confinados.

Conclusões

No ato de brincar, as crianças expressam sentimentos, desejos, elaboram sonhos, realizam uma leitura do mundo e transformam a si e podem transformam o cotidiano em que estão inseridas. Ao vivenciar essa prática social que é a brincadeira, ela se apropria, aprende e inicia um processo de construção de noções sobre a realidade (Silva et al., 2022, p. 19), ideias que podem ir desde a naturalização de uma veneno tóxico como “defensor agrícola”, a completa admiração por máquinas megalomaniacas que se apropriam da terra e se interpõe entre os que antes estavam unidos a ela até o conhecimento sobre frutas, flores, pequenos insetos, a convivência com a diversidade de espécies e com a comida que brota da terra. As brincadeiras, antes de espontâneas e desinteressadas, trazem tanto a experiência de um cotidiano vivido quanto a potencialidade de transformá-lo. Crianças, como agentes potentes e transformadores do contexto social, têm a capacidade de reorganizar, reconstruir e reinventar espaços, mesmo os mais inadequados, para a brincadeira. Talvez nisso também resida a possibilidade de transformar o que causa curiosidade e encanto, senão com uma transformação do cotidiano, pelo menos com espaços de crítica e problematização a partir de suas representações nas brincadeiras infantis.

Agradecimentos

Agradeço à FAPERJ por me dar condições no momento dessa submissão. Agradeço também à Universidade ETH, de Zurique e à professora Johanna Jacob por permitir a minha participação no estudo de caso.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo, 2007.
- FERNANDES, Haroldo Carlos. MADEIRA, Nildimar Gonçalves. **Acidentes com Tratores Agrícolas: natureza, causas e conseqüências**. Engenharia na agricultura, Viçosa – MG, 2014.
- LUBICKY, J.P.; JUDY, R.F. **Fractures and amputations...** Journal of pediatric orthopedics, Indiana University School of Medicine, Indianapolis, IN 46202, E.U.A. v.29, n.5, p.435-438. 2009.
- MONTEIRO, L.A. **Prevenção de Acidentes com Tratores Agrícolas e Florestais**. 1ª Ed, 105p, UNESP – BOTUCATU – SP, 2010.



SILVA, Carmen Virgínia Moraes da. SODRÉ, Liana Gonçalves Pontes. **As crianças do campo e suas vivências: o que mostram suas brincadeiras e brinquedos.** Cad. Cedes, Campinas, v. 37, n. 103, p. 361-376, set.-dez., 2017.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Casac Naify, 2010.